

ARTI CULA ÇÃO

HUMANAS

Na era das redes sociais, com a produção maciça e incessante de imagens que recortam e adornam a vida pessoal de cada um de nós oferecida para consumo, o que sobra do real?





Tudo por uma curtida: como turistas se arriscam e incomodam na caça aos likes no Instagram

Excessos de viajantes em busca do clique perfeito chamam atenção nas redes

Ficar de costas para um trem, a centímetros dos trilhos, enquanto ele passa por uma rua muito estreita, não é uma atitude muito segura. Assim como caminhar descalço às margens de um lago repleto de lixo tóxico, por mais encantador que seja seu tom de azul. Muitos turistas, no entanto, se arriscam e incomodam em busca de cliques perfeitos e curtidas em suas contas no Instagram.

O comportamento temerário e, muitas vezes, desrespeitoso de muitos viajantes tem causado reação por parte de moradores de lugares que, por algum motivo, fazem sucesso nas redes sociais. Como os bairros de Notting Hill, em Londres, e West Village, em Nova York. Autoridades de variados países, dos Estados Unidos à China, passando por Peru e Islândia, também já demonstram preocupação com a conservação de áreas naturais e patrimônios históricos, assolados pelo excesso de visitantes.

Sair bem na foto é uma preocupação do viajante contemporâneo. De acordo com uma pesquisa recente do site de busca de hospedagem Hoteis.com com viajantes brasileiros, 41,4% preferem colecionar curtidas a visitar um ponto de interesse durante as férias. Outra pesquisa, esta da Booking.com, mostra que 28% dos turistas admitem que se hospedar em propriedades atraentes, onde possam tirar fotos para publicarem em suas redes, é algo que eles têm em mente ao escolherem uma acomodação. Até *selfies* em banheiros têm merecido especial atenção.

As “Maldivas da Sibéria”

Quem desliza os dedos pelo Instagram já deve ter visto alguma imagem de um lindo lago azul em Novosibirsk. Só que o lugar não é um paraíso tropical no Caribe ou nas Maldivas, e sim um lago repleto de lixo tóxico na Rússia, mais precisamente, na Sibéria. A coloração é resultado de uma reação química causada por dejetos de uma usina de carvão, que funciona bem ao lado.

Homem tira *selfie* em lago de rejeitos de uma usina termelétrica em Novosibirsk, na Rússia, que ficou conhecida como “Maldivas da Sibéria”. 2019.





Mulher tira *selfie* em Pripjat, localidade na Ucrânia evacuada após um grande acidente nuclear ocorrido na década de 1980 na usina de Chernobyl. 2019.

Não demorou muito para que o cenário fosse descoberto por *instagrammers* e se tornasse uma febre na região, com pessoas da região e turistas de fora se arriscando em caminhadas com pés descalços na beira do lago, passeios em pranchas de *stand up paddle* e até mesmo entrando na água, apesar dos graves danos à pele que o contato com a água pode ocasionar.

“Você NÃO PODE nadar no depósito de cinzas. Sua água tem um ambiente altamente alcalino. Sais de cálcio e outros óxidos metálicos são dissolvidos nele. O contato da pele com essa água pode causar uma reação alérgica!”, postou a empresa na rede social VK, muito mais popular no país de Putin que em outros lugares do planeta.

Posando em Chernobyl

Por falar em cenários tóxicos, outro que voltou à moda foi a usina nuclear desativada de Chernobyl, na Ucrânia. Desde a estreia da série homônima da HBO, o lugar vem registrando um grande aumento no número de visitantes, muitos deles, claro, em busca de umas curtidas em suas redes sociais.

As poses, ora descontraídas, ora tentando passar alguma seriedade, incomodaram muitas pessoas, que não gostaram de ver o local do maior acidente nuclear da Humanidade retratado dessa maneira nas redes sociais. Influenciadores, como a australiana Julia Baesser, seguida por mais de 300 mil pessoas no Instagram, foram criticados por se deixarem fotografar, inclusive, quebrando regras de segurança, como não tocar nos objetos.

Um caso mais extremo da busca por *likes* explorando a imagem de Chernobyl é o da modelo russa Veronika Rocheva, que publicou em seu perfil fotos suas com muito pouca roupa em uma área onde só é permitido o acesso com traje especial. A repercussão negativa foi tão forte que ela foi forçada a admitir que as fotos não foram tiradas na cidade de Pripjat, na área de exclusão criada após a explosão na usina nuclear em 1986, e sim em... Novosibirsk, a tal “Maldivas da Sibéria”.

“O local se parecia com Pripjat e nós simplesmente o tagueamos como Pripjat”, disse a modelo siberiana, segundo reportagem do jornal inglês *The Sun*.

> O trem de Hanói

Um estranho ritual acontece no centro histórico de Hanói duas vezes ao dia: uma multidão de turistas se espreme em uma rua muito estreita para ver um trem passar a centímetros de seus rostos e câmeras.

A composição, que liga a cidade a Ho Chi Min, mais ao sul, passa sempre às 15h e às 19h, e leva apenas alguns segundos para percorrer aquele trecho. Mas o vaivém de pessoas dura o dia inteiro na pequena via, conhecida como Train Street, mas oficialmente chamada Ngo 224 Le Duan, entre as ruas Le Duan e Kham Tien.

Lojinhas, bares, restaurantes e ateliês pipocam no exíguo espaço, a despeito das regras de segurança. Turistas se misturam aos moradores do lugar, que brincam, vendem comida, consertam bicicletas e até lavam roupa sobre a linha férrea, instalada ali pelo governo colonial francês, parte da malha ferroviária que conectava toda a então Indochina, no começo do século XX. Tem gente que espera o trem sentada nos próprios trilhos.

> Uma vizinhança irritada chamada Notting Hill

Notting Hill, um charmoso recanto no oeste de Londres, nunca mais foi o mesmo desde que a atriz hollywoodiana Anna Scott (Julia Roberts) entrou na pacata livraria de William Thacker (Hugh Grant). A alteração na rotina do bairro causada por esse encontro, mote do filme *Um lugar chamado Notting Hill* (1999), pulou da ficção para a realidade, e até hoje os moradores não têm mais sossego.

O bairro entrou no mapa turístico de Londres por ser instagramável antes mesmo do surgimento dessa rede social, em 2010. Suas casinhas coloridas, suas ruas de paralelepípedos e o mercado de antiguidades de Portobello Road formam um cenário que em nada lembra uma das maiores metrópoles do mundo.

Moradores reclamam dos turistas que usam as escadas e entradas das casas como pano de fundo para fotos, ou da agitação que toma conta das ruas com grandes grupos de excursões. Muitos “nativos” alegam que às vezes não conseguem entrar ou sair de suas residências, por causa da fila de gente esperando para fotografar.

Como resistência, há quem apele para “táticas de guerrilha”, como sujar propositalmente a escada e a porta de casa, ocupar a entrada com latas de lixo ou mesmo colocar caixinhas pedindo contribuições para cada clique feito ali.

TUDO por uma curtida: como turistas se arriscam e incomodam na caça aos *likes* no Instagram. **O Globo**, 12 jul. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/boa-viagem/tudo-por-uma-curtida-como-turistas-se-arriscam-incomodam-na-caca-aos-likes-no-instagram-23800369>>. Acesso em: 11 set. 2019.

> O turismo com fotos falsas que exige horas de fila para fazer uma imagem fake num templo de Bali

Héctor Llanos Martínez

Polina Marinova é uma jornalista búlgara que mora em Nova York. Na última quinta-feira, ela compartilhou uma mensagem no Twitter sobre a decepção que teve ao saber que as imagens no templo Pura Lempuyang, de Bali (Indonésia), são montagens. Coloca-se um espelho ou uma superfície refletora na parte inferior da lente da câmera para gerar na imagem um efeito aquático que não é real.

“Eis aqui uma prova de que os *influencers* do Instagram estragaram tudo. [...] a água sob as Portas do Céu é somente um pedaço de vidro debaixo de um iPhone”, diz o tuíte [...].

[...] “Moradores do lugar se oferecem para fazer a foto em troca de alguns euros colocando o celular a 90 graus contra uma superfície que faça reflexo”, explica [o agente de turismo Alejandro Viato]. Um vidro, um espelho e até a capinha do celular servem para o truque. [...]

“[...] As filas de espera costumam ser de três horas. Recomendamos aos nossos clientes que invistam esse tempo em visitas a outros lugares”, diz um agente de viagens. [...]

MARTÍNEZ, Héctor Llanos. O turismo com fotos falsas que exige horas de fila para fazer uma imagem fake num templo de Bali. **El País Brasil**, 9 jul. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/05/actualidad/1562331846_946560.html>. Acesso em: 11 set. 2019.

Muitos turistas vão ao templo de Pura Lempuyang, em Bali, com o desejo de tirar uma foto no espelho d'água...



... que não existe: a imagem que hoje marca o turismo no local não passa de um truque de espelho.



Por que os islandeses não aguentam mais os *influencers* do Instagram

Sophie Williams

Com mais de 10 milhões de imagens no Instagram, a Islândia é um destino popular entre turistas que querem conseguir a foto perfeita.

O país nórdico há muito é considerado “instagramável” – ou seja, com forte potencial de ser exibido em *posts* na rede – mas agora os moradores dizem que influenciadores digitais imprudentes viraram um problema na ilha.

[...]

A questão agora ficou tão problemática que existem páginas no Facebook e no Instagram onde os islandeses registram o mau comportamento dos *instagrammers*.

As páginas em que essas fotos são postadas mostram influenciadores digitais bebendo e dirigindo, sentados nas geleiras, andando sobre musgos – um tipo de vegetação – atravessando perímetros turísticos em locais populares e pilotando drones sobre cavalos selvagens.

Michalina Okreglicka disse à BBC News que muitos influenciadores que vão para a Islândia “não têm conhecimento do que é permitido ou não no país”.

“Eu tenho a sensação de que tudo agora tem a ver com o Instagram e a foto perfeita para o Instagram. Eu nunca vi tantos comportamentos estúpidos e irresponsáveis em diferentes países em comparação com a Islândia. Estou indo aos perfis deles, comentando o que estão fazendo e tentando notificá-los para que parem com isso.”

A Islândia lançou várias iniciativas na tentativa de promover o comportamento responsável dos turistas. [...]

WILLIAMS, Sophie. Por que os islandeses não aguentam mais os *influencers* do Instagram. **BBC News Brasil**, 26 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-48745158>>. Acesso em: 11 set. 2019.

Turista faz pose arriscada para foto no desfiladeiro de Fjadrargljufur, na Islândia.





Narcisismo, simulacro e dependência: experiência e aparência na era das redes sociais

Natália Leon Nunes

Atualmente, quase todo mundo usa as redes sociais. É por meio delas que falamos com amigos, compartilhamos momentos de nossas vidas, divulgamos eventos e encontramos conteúdos variados que podem nos interessar. Esses espaços virtuais trazem uma série de benefícios e facilidades para nossas vidas, mas também um conjunto de efeitos colaterais, nem sempre fáceis de manejar.

Em 2017, uma pesquisa realizada na Inglaterra pela Royal Society for Public Health mostrou que o uso do Instagram pode estar relacionado a depressão, ansiedade, distorção da própria imagem, insônia, entre outros problemas. Que efeitos pode causar em cada um de nós o ato de observar com frequência a vida que as pessoas exibem nas redes sociais?

O Instagram, uma rede social voltada à exibição de fotografias, está repleto de imagens em que seus usuários mostram suas viagens, comidas, festas, seu cotidiano e seus corpos. Não é difícil navegar pelos *posts* dessa rede e ter a sensação de que todo mundo tem uma vida fácil e feliz, afinal, o que mais encontramos ali são belas imagens de momentos de alegria e lazer. Mas será que é isso mesmo?

> O que é real?

Nem sempre o que parece uma vida naturalmente feliz e movimentada corresponde à realidade da rotina de quem está do outro lado da tela. A história que se passou na cidade de Novosibirsk, na Rússia, ajuda a entrever o quanto a vida exibida nas redes sociais pode ser falsa: as inúmeras fotos de *instagrammers* do mundo todo mostrando uma lagoa de água límpida azul, com viajantes nas mais variadas poses, retratam na verdade um depósito de rejeitos tóxicos de uma central termelétrica. A reação química produzida por certos elementos ali presentes dá à água sua bela coloração azul-clara. A beleza engana: a barragem é tóxica, e entrar nela pode causar problemas de saúde.

Esse não é o único caso em que usuários do Instagram se arriscam para conseguir uma boa foto. Turistas enfrentam filas, entram em áreas proibidas ou suportam horas em locais quentes e lotados com um único objetivo: tirar belas fotos. A experiência pode ser ruim, mas o que importa é o resultado: um clique que renderá várias curtidas. A caça aos *likes* no Instagram é tão grande que pesquisas do setor de turismo já indicam que os usuários procuram lugares mais caros apenas para poder fazer boas *selfies* nos banheiros ou mostrar as acomodações do prédio.



Em Brookline, nos Estados Unidos, enquanto uma multidão com seus celulares a postos aguarda a passagem de atores de cinema para fotografá-los, uma senhora chama a atenção por não portar um desses aparelhos (2015). O que importa: a experiência, a foto, ou os *likes* que ela vai gerar?

Essa obsessão pela foto perfeita que irá obter muitas curtidas não pertence somente àqueles que trabalham como influenciadores digitais e vivem de suas postagens: qualquer pessoa que utiliza uma rede social pode experimentar a ansiedade em busca da foto perfeita. Ficar muito tempo testando a mesma pose até conseguir um bom clique. Tolerar ambientes muito quentes, barulhentos ou apertados e, ainda assim,

exibir uma expressão de alegria e espontaneidade. Retocar as fotos até encontrar o colorido perfeito: os filtros oferecidos pelos *smartphones* e pelas próprias redes sociais permitem que cada um embeleze sua foto, tornando o registro mais bonito ou agradável do que aquilo que foi registrado. Por que tanto trabalho para fazer uma foto bonita? O que motiva as pessoas a despenderem tanta energia na construção de uma cena capturada pela câmera?

O filósofo francês Jean Baudrillard nos ajuda a entender melhor a relação das pessoas com as imagens da internet. Em seu livro *Simulacros e Simulação*, ele fala que vivemos a era dos simulacros. Um simulacro é uma cópia. Uma pintura de uma árvore, por exemplo, pode ser um simulacro dessa árvore. Quando olhamos para a árvore que serviu de modelo e para o quadro pronto, sabemos dizer o que é original e o que é cópia, qual é a árvore verdadeira e qual é a árvore falsa. Baudrillard nota, todavia, que passamos a viver em uma era na qual essa diferença não vale mais. Quando olhamos uma imagem na tela do celular, por exemplo, não pensamos que ela pode ser falsa. Ao contrário, o que vemos nas telas passa a ter mais valor do que aquilo que observamos na realidade.

A frase “*Picture or it didn’t happen*”, bastante usada nas redes sociais e que poderia ser traduzida como “Se não há fotos, não aconteceu”, expressa bem essa era dos simulacros. Para acreditarmos em algo, precisamos ver a foto. Se não há registro, é como se nada tivesse acontecido. E quando vemos as fotos, somos afetados como quem vê algo concreto. Sabemos que muitas cenas mostradas na internet são fabricadas (uma falsa alegria, uma imagem modificada por filtro ou mesmo por programas de edição de imagens), mas ainda assim ficamos desanimados porque não temos a vida que ali nos é mostrada. As imagens podem ser simulacros, mas a maneira como afetam quem as vê, gerando desejo, dor ou sofrimento, confere a elas um estatuto de verdade.



Fake camping
– seriam todas essas fotos apenas simulações para um clique? Acesse o link e confira.



<http://ftd.li/dj3fbd>

Imagens de pessoas supostamente acampando em lugares altamente improváveis, normalmente perigosos: são as fotos de *fake camping*, em que o acampamento é simulado apenas para o clique...





Eco e Narciso, de John William Waterhouse, 1903, óleo sobre tela.

> O narcisismo e o olhar do outro

Se observar a vida alheia pela internet pode nos afetar profundamente, também é preciso entender o que se passa com aqueles que postam suas imagens nas redes sociais. As *selfies* se tornaram muito comuns: a mesma pessoa pode postar uma diferente a cada dia. Qual é o sentido de repetir uma foto de si mesmo, frequentemente reproduzindo a mesma expressão facial de fotos antigas? Por que todo mundo parece tão obcecado por si mesmo?

Sigmund Freud, conhecido como o pai da Psicanálise, popularizou um termo que nos ajuda a entender o uso das redes sociais e também o fenômeno das *selfies*: narcisismo. O termo vem de Narciso, uma personagem da mitologia grega. Narciso é filho do deus do rio Cefiso e da ninfa Liríope. Ao consultar Tirésias, um oráculo, seus pais descobrem que o filho terá uma vida longa, com a condição de que nunca olhe para sua própria imagem. Quando cresce, Narciso torna-se um jovem belíssimo, que atrai a atenção de muitas mulheres. Esse interesse, todavia, não é correspondido. Orgulhoso, o rapaz não se interessa por ninguém. Magoadas por seu desprezo, algumas jovens querem se vingar e procuram a deusa Nêmesis, que condena Narciso a olhar o próprio rosto. Ao se ver pela primeira vez no reflexo das águas de uma fonte, o jovem se apaixona por si mesmo. Sem conseguir sair dali, obcecado pela própria imagem, ele definha debruçado sobre a fonte.

Freud baseou-se nesse mito para designar um fenômeno pelo qual todos passamos: o encantamento por si mesmo. Para o psicanalista, olhar para si mesmo e obcecar-se pela própria imagem faz parte do desenvolvimento de cada indivíduo. O termo freudiano, no entanto, passou a ser usado por outros autores para falar de uma cultura narcísica em que vivemos. Cultura na qual a imagem que cada um tem de si mesmo importa muito e na qual as pessoas vivem em função dessa imagem. Como se o mais importante na vida fosse construir e sustentar uma boa imagem do próprio eu.

As redes sociais estão alinhadas com essa cultura narcísica. Muitos usuários alimentam diariamente suas redes com fotos, vídeos ou textos sobre si mesmos. E não basta postar: é preciso receber muitas curtidas. E, quando as curtidas não vêm, é comum que as pessoas apaguem a postagem ou se ressintam porque não foram vistas ou aprovadas pelos outros. Se o narcisismo é a obsessão pela própria imagem, nas redes sociais vivemos uma cultura narcísica muito dependente do olhar alheio. Não basta postar a *selfie*, é preciso vê-la fazer sucesso. E o sucesso é medido pela quantidade de curtidas.

> O poder das telas luminosas

Essa dinâmica de validação da própria experiência por “likes” pode gerar uma espécie de dependência nos usuários das redes sociais. O viajante não guarda simplesmente para si as fotos da viagem, nem para mostrar eventualmente a seus próximos – a viagem só faz sentido se for exibida na internet e reconhecida por muitas pessoas. A alegria depende do reconhecimento alheio. Mas, como tudo na internet passa rápido – afinal, há pessoas postando o tempo todo e as postagens se tornam antigas com uma rapidez impressionante –, é preciso realimentar as redes, não parar de postar, não ficar *off-line*. Essa demanda por postagens novas a todo momento pode criar um vício nos usuários, que podem passar a depender daquele espaço virtual, precisando consumi-lo e alimentá-lo incessantemente. A palavra vício pode parecer um pouco forte. Será que temos com as redes sociais a relação que algumas pessoas têm com as drogas?

O filósofo alemão Christoph Türcke estuda nossa relação com as telas de computadores, *tablets* e *smartphones*. Interessado na neurologia, ele descreve como nosso cérebro passa a ter uma dependência de telas luminosas. Quanto mais olhamos, mais queremos olhar. Olhar para as telas nos dá uma sensação de prazer. Mas quanto mais olhamos, mais essa sensação de prazer demora a chegar. Uma pessoa que começa usando o celular apenas uma hora por dia pode rapidamente aumentar esse número de horas, uma vez que seu cérebro demorará cada vez mais para ficar satisfeito.

É possível, assim, afirmar que nossa relação com as telas e as redes sociais pode estar relacionada a um duplo vício. O primeiro deles é da ordem do reconhecimento: precisamos postar e receber muitos *likes* alheios para nos sentirmos felizes. O segundo é da ordem neurológica e corporal: nosso corpo passa a ficar viciado em telas, e recorremos a elas toda vez que sentimos sua falta – a abstinência.

É claro que a internet nos possibilita muitas experiências boas. Podemos fazer amigos novos, ler textos interessantes, ter acesso a filmes e músicas, obter dicas da viagem etc. Mas o uso muito recorrente das telas e das redes sociais pode nos colocar diante de uma pergunta: até que ponto somos livres na relação com o mundo virtual?



◀ **Natália Leon Nunes** é professora de Filosofia da Arte formada pela Universidade de São Paulo (USP), pesquisadora na área de Estética e psicanalista.



- 1.** Você já se sentiu desanimado(a), infeliz ou frustrado(a) ao observar a vida de outras pessoas nas redes sociais? Você acha que olhar as redes sociais gera mudanças no seu humor? Se sim, comente o porquê.
- 2.** Imagine que ocorra um grande acidente no seu bairro e que as ruas e construções fiquem muito danificadas, afetando a vida dos moradores e produzindo uma aparência de destruição. O que você acharia de pessoas se dirigirem a sua rua para fazer poses em frente a sua residência e postar fotos desse acontecimento nas redes sociais? Por quê?
- 3.** Você e seus colegas devem fazer uma foto cada um com o seu celular e, com a ajuda de filtros e programas de edição do próprio aparelho ou de uma rede social, modificar essa foto, deixando-a mais bonita. Em sala, mostrem a imagem entre si e peça a um colega para fazer um comentário sobre a sua foto. Depois, mostre a foto original, sem edição. Observe as duas fotos de um colega e faça você também o seu comentário. Com base nessa experiência, responda e justifique: você acha que as redes sociais são capazes de construir realidades inexistentes?

Imagem perfeita x vida real

Jovens de 16 a 24:

- ✓ 91% usam as redes sociais;
- ✓ dormem menos e são mais ansiosos do que há 25 anos;
- ✓ taxas de ansiedade subiram 70% nesse período.



Uma paisagem exuberante pode ser... um lago de rejeitos tóxicos!



Truques fotográficos, filtros, edição de fotos – o que você vê existe?



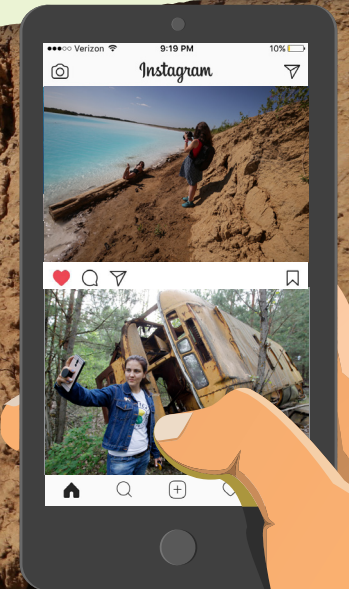
Redes sociais viciam mais do que álcool e tabaco. Quanto tempo você passa sem likes?



Expectativas irreais:
✓ 70% dos jovens se sentem piores em relação à sua autoimagem;
✓ entre o sexo feminino, 90% estão infelizes com seus corpos.



Fonte dos dados: ROYAL SOCIETY FOR PUBLIC HEALTH.
#StatusOfMind: Social media and young people's mental health and wellbeing. Londres, 2017. Disponível em: <<https://www.rspsh.org.uk/our-work/campaigns/status-of-mind.html>>. Acesso em: 18 set. 2019.



Conteúdos abordados:

- Redes sociais;
- Imagem e simulacro;
- Narcisismo e aparência.



1. Espera-se que a questão permita a cada um refletir sobre situações em que se sentiu bem ou mal diante de um conteúdo visto em uma rede social.
2. A questão incentiva a reflexão sobre como a cultura de fotos no Instagram pode banalizar acidentes, desastres, violências, transformando qualquer situação em uma mera cena a ser fotografada. Esse tipo de prática muitas vezes desrespeita os moradores de um certo local, ignorando a história do lugar e o sofrimento das pessoas envolvidas.
3. A atividade pode sensibilizar para uma percepção de como uma foto editada pode gerar no observador uma sensação muito diferente daquela que seria produzida diante do que foi registrado na realidade, e até mesmo uma reflexão sobre o papel do simulacro na sociedade contemporânea.

O **Articulação CHT** tem como objetivo discutir temas relevantes com base nas Ciências Humanas e suas Tecnologias. Os conteúdos abordados auxiliam na análise do objeto proposto; contudo, não são pré-requisitos para o uso desta ferramenta pedagógica em sala de aula. O Articulação CHT almeja estimular os estudantes a analisar os eventos cotidianos à luz das Ciências Humanas e contribuir com elementos para debates e reflexões críticas.

ARTI CULA ÇÃO

HUMANAS

OUTUBRO | 2019 EDIÇÃO Nº 8

**Diretor de conteúdo e negócios**

Ricardo Tavares de Oliveira

Diretor adjunto de Sistema de Ensino

Cayube Galas

Gerente editorial

Júlio César D. da Silva Ibrahim

Gerente de produção e design

Letícia Mendes de Souza

Editora

Cláudia Pedro Winterstein

Editoras assistentes

Carolina Massuia de Paula

Susi Aparecida Reis Gil Novaes

Coordenador de eficiência e analytics

Marcelo Henrique Ferreira Fontes

Supervisora de preparação e revisão

Adriana Soares de Souza

Preparadora

Mônica Di Giacomo

Revisão

Equipe FTD

Coordenadora de imagem e texto

Marcia Berne

Pesquisa

Equipe FTD

Coordenadora de arte

Daniela Máximo

Supervisor de arte

Fabiano dos Santos Mariano

Projeto gráfico

Bruno Attili

Editora de arte

Adriana Maria Nery de Souza

Créditos das imagens:

p.1. MANAN VATSYAYANA/AFP; p.2. ROSTISLAV NETISOV/AFP; p.3. STR/NurPhoto via Getty Images; p.5. Yeorusheng/Getty Images; p.6. kavram/Shutterstock.com; p.8. John Blanding/The Boston Globe/Getty Images, Prath/Shutterstock.com; p.9. Walker Art Gallery, National Museums, Liverpool, p.10. Acervo da autora; p.12. ROSTISLAV NETISOV/AFP, Fotomontagem: Holla Wise/Shutterstock.com, Editoria de arte